

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL

Samanta Machado Bento de Castro

A CONCEPÇÃO DE CRIANÇA SOB O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA A PARTIR
DAS SUAS PREMISSAS BÁSICAS FENOMENOLÓGICAS-EXISTENCIAIS

Belo Horizonte
2022

Samanta Machado Bento de Castro

**A CONCEPÇÃO DE CRIANÇA SOB O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA A PARTIR
DAS SUAS PREMISSAS BÁSICAS FENOMENOLÓGICAS-EXISTENCIAIS**

Monografia apresentada no Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial como requisito básico para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof. Telma Fulgêncio Colares da
Cunha Melo

Belo Horizonte
2022

150	Castro, Samanta Machado Bento de.
C355c	A concepção de criança sob o olhar da gestão-terapia a partir das suas premissas básicas fenomenológicas-existenciais [recurso eletrônico] / Samanta Machado Bento de Castro. - 2022.
2022	1 recurso online (31 f.) : pdf. Orientadora: Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo. Coorientadora: Saleth Salles Horta.
	Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1. Crianças . 2. Gestalt-terapia. 3. Psicoterapia infantil. I. Melo, Telma Fulgêncio Colares da Cunha. II. Horta, Saleth Salles. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

A CONCEPÇÃO DE CRIANÇA SOB O OLHAR DA GESTALT - TERAPIA A PARTIR DAS SUAS PREMISSAS BÁSICAS, FENOMENOLÓGICAS EXISTENCIAIS

SAMANTA MACHADO BENTO DE CASTRO

monografia defendida e aprovada, no dia **dez de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo - Orientadora
FAFICH/UFMG

Saleth Sales Horta
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2023.

Profa. Dra. Claudia Lins Cardoso
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 30/08/2023, às 09:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 30/08/2023, às 10:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2586094** e o código CRC **B79F40E9**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por me conceder tal oportunidade, iluminando e me abençoando em todos os dias de minha vida.

À minha família, por acreditar em mim, me apoiar e contribuir, cada um a sua maneira, para que eu chegasse até aqui.

Ao meu marido, por estar ao meu lado durante toda essa trajetória, me incentivando e me lembrando todos os dias que eu sou capaz de concretizar os meus sonhos e conquistar os meus objetivos.

Agradeço aos profissionais que fazem parte do corpo de docentes da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, pela atenção e conhecimentos repassados durante a minha formação, que contribuíram para o meu crescimento profissional.

À minha orientadora Telma Fulgêncio por todos os ensinamentos e auxílio durante esse percurso.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

À todos aqueles que torceram pelo meu sucesso.

Resumo

Neste estudo será abordado o tema criança de acordo com a perspectiva da Gestalt-terapia (GT) e suas premissas fenomenológicas-existenciais. A princípio, será realizado um breve percurso sobre os primórdios da Gestalt-terapia, a fim de compreendermos sobre o seu nascimento, fundamentos e conceitos básicos. A seguir será discutido como essa abordagem compreende o fenômeno infância, passando por uma descrição geral da criança como uma totalidade inserida em um contexto, no qual ela é ativa, interagindo com o mundo, realizando trocas e se autorregulando por meio dos seus recursos no momento atual. Por fim, é explorado o processo psicoterapêutico como um fator de cuidado, uma vez que procura-se estabelecer com a criança uma relação eu-tu genuína, na qual ela é valorizada e aceita, favorecendo a ampliação da sua autoconsciência e autossuporte.

Palavras-Chave: criança; Gestalt-terapia; desenvolvimento; psicoterapia infantil.

Abstract

In this study, the theme of children will be addressed according to the perspective of Gestalt-therapy (GT) and its existential-phenomenological premises. At first, a brief journey will be carried out on the beginnings of Gestalt-therapy, in order to understand its development, fundamentals and basic concepts. Next, it will be discussed how this approach understands the childhood phenomenon, going through a general description of the child as a totality inserted in a context, in which they are active, interacting with the world, performing exchanges and self-regulating through their available resources at the time. Finally, the psychotherapeutic process is explored as a care factor, since the study seeks to establish a genuine I-you relationship with the child, in which they are valued and accepted, favoring the expansion of their self-awareness and self-support.

Keywords: child; Gestalt therapy; development; child psychotherapy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. SOBRE GESTALT-TERAPIA	10
2.1 Gestalt-terapia e Existencialismo	13
2.2 Gestalt-terapia e Fenomenologia.....	13
2.3 Fundamentação Teórica da Gestalt-terapia.....	14
2.4 Metodologia Psicoterapêutica da Gestalt-terapia	18
3. COMO A GESTALT-TERAPIA COMPREENDE A CRIANÇA.....	20
3.1 O Brincar.....	24
4. O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO COM A CRIANÇA.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno infância nem sempre foi compreendido pela humanidade ou por ela representada. As representações da infância por muito tempo estavam constantemente ligadas à incompletude da criança, como um ser inacabado e marginalizado. A infância, ao longo dos tempos, passou a ser considerada um período específico do desenvolvimento humano. Nesse contexto, existem vários estudos, de diversos campos do saber como psicologia, filosofia, pedagogia e história, que propõem a compreender a criança em suas particularidades.

No campo da psicologia, a maioria dos estudos são direcionados para a compreensão da criança na esfera da patologia e também em etapas de desenvolvimento, que descreve a infância a partir daquilo que é esperado que aconteça, para que ela se torne um adulto realizado e completo. Sendo as fases da criança e da adolescência compreendidas como instáveis que só se estabilizam na vida adulta.

Essas concepções do fenômeno infância se contradizem com a área do saber da Gestalt-terapia (GT), já que compreende que a criança não é um ser incompleto, como se faltasse algo. A criança está desde sempre no mundo e é um ser no mundo como qualquer outro ser existente. A GT não ignora as particularidades infantis, mas busca descrever o fenômeno infância reconhecendo a criança e o adulto como partes da mesma condição, a condição humana.

Nessa perspectiva, o trabalho terá como foco descrever como a Gestalt-Terapia pode auxiliar no processo da psicoterapia infantil. Dessa forma, este estudo irá se configurar como uma pesquisa bibliográfica sistemática, cuja análise dos dados é qualitativa, portanto, não pretende enumerar ou quantificar unidades ou categorias homogêneas. Entende-se que este delineamento se mostra mais adequado para os objetivos desta pesquisa – descrever os modos por meio dos quais o processo psicoterapêutico infantil, na abordagem Gestalt-Terapia, pode auxiliar a criança em sua experimentação e na construção de sentido para o que vivencia.

Traçou-se como objetivos específicos: investigar os principais fundamentos da Gestalt-terapia, como a GT compreende a criança e o processo psicoterapêutico infantil. O presente trabalho iniciará por um breve percurso sobre os primórdios da GT, a fim de compreendermos sobre o seu nascimento, fundamentos e conceitos básicos.

Em seguida, pretende-se contemplar a visão da Gestalt-terapia em relação ao desenvolvimento humano e os principais conceitos e fundamentos teóricos que norteiam a intervenção clínica com crianças no contexto psicoterapêutico.

2. SOBRE GESTALT-TERAPIA

Antes de aprofundarmos no principal objetivo desse estudo, faz-se necessário uma breve passagem pelos primórdios da Gestalt-terapia, com o intuito de compreender a sua fundamentação teórica, bem como o caminho percorrido por seus idealizadores.

Trata-se de uma abordagem psicoterapêutica com um vasto campo de sustentação teórica, enraizada em postulados filosóficos que tem como referência o humanismo, existencialismo e a fenomenologia. Inicialmente, é preciso reconhecer a colaboração de um grupo de estudiosos considerados cofundadores da GT, que historicamente contribuíram para sistematizar e impulsionar a abordagem em seus primórdios. Grupo este constituído por Isadore From, Paul Goodman, Paul Weisz, Sylvester Eastman, Elliot Shapiro, Laura Perls e Fritz Perls, mais conhecido como “Grupo dos Sete”.

Segundo Frazão (2013), Frederick Salomon Perls, ou Fritz Perls, como ficou conhecido, é considerado o principal mentor da GT. Perls nasceu em 1893 em Berlim, capital da Alemanha, filho de pais judeus. Aos 27 anos, se formou em medicina na universidade Humboldt em Berlim. Após sua formação, deu início a sua jornada como neuropsiquiatra e psicanalista. Em 1926 na cidade de Frankfurt, Perls trabalhou juntamente com Kurt Goldstein, neurologista alemão e pai da Teoria Organísmica. Foi nesse contexto que conheceu sua esposa, Laura Perls, que era assistente de Goldstein no período em que ambos viviam na Alemanha.

Laura Perls, teve significativa contribuição na constituição da GT. Possuidora de um vasto conhecimento, Laura era psiquiatra, neurologista, professora e psicanalista. Durante o seu percurso se dedicou aos estudos existenciais e fenomenológicos, principalmente aos que se referem aos teóricos Kierkegaard, Heidegger, Husserl e Scheler. Além disso, trabalhou com Paul Tillich e foi aluna de Wertheimer, um dos expoentes da psicologia da Gestalt, abordagem conhecida como psicologia da forma.

Perls e sua esposa Laura eram psicanalistas quando iniciaram os estudos epistemológicos da Gestalt-terapia. Durante a trajetória de trabalho do casal, ambos passaram por várias mudanças, incluindo a saída da Alemanha, de onde emigraram por conta do terror nazista, passando por Holanda e pela África do sul, onde residiram e trabalharam por alguns anos quando fundaram o Instituto Sul-africano de

Psicanálise. Porém, em decorrência do fascismo representado pelo “*apartheid*”, Perls e Laura se retiraram novamente da África. Em uma época conturbada pelo o pós-guerra e o incômodo frente ao *apartheid*, o casal de estudiosos se muda para a cidade de Nova York, chegando finalmente aos Estados Unidos no ano de 1946 (FRAZÃO, 2013).

Vale ressaltar que em 1942, ainda na África do Sul, Perls publicou sua primeira obra na cidade de Durban: “Ego, Fome e Agressão”, livro que se originou de algumas divergências sobre as premissas da psicanálise. A princípio, o autor buscou elaborar seu trabalho como uma revisão teórica, na qual ele apresenta uma importante discordância com relação a psicanálise: a ideia de que a base da agressão e do sadismo está na fase oral e não na fase anal do desenvolvimento infantil (FRAZÃO, 2013).

Segundo Cardoso (1999, p.3), outra discordância de Perls sobre a psicanálise, estaria relacionada à excessiva ênfase do método psicanalítico clássico à esfera do intelecto. Para ele, a atenção dada em conteúdos intelectuais acabava deixando para segundo plano a dimensão afetivo-emocional do indivíduo. Assim, era fundamental o manejo do terapeuta para levar o paciente a utilizar mais das suas capacidades sensoriais e afetivas, e menos das suas faculdades racionais, para que assim fosse possível o sujeito vivenciar integralmente suas sensações, emoções e pensamentos sem censuras.

Perls também buscava focar na relação paciente/terapeuta, frisando que a tarefa central da terapia não era fazer com que os pacientes aceitassem interpretações arcaicas de sua história passada, mas sim ajudá-los a se tornarem vivos para a experiência imediata no momento presente. É acordar para a imediatez e simplicidade do agora. Este sistema modifica radicalmente o que o terapeuta e o cliente vão focalizar, tornando possível começar a partir de qualquer ponto, com qualquer material disponível, seja através de um sonho, um suspiro, uma expressão facial, um silêncio, o modo de se sentar, dentre outros. Em Gestalt-Terapia, qualquer elemento desses é um núcleo de trabalho.

No ano de 1951, Perls publica a obra “*Gestalt-therapy: Excitement and growth in the humanpersonality*”, livro no qual, pela primeira vez, foi utilizado o termo “Gestalt-terapia”, com a colaboração de Ralph Heferline e Paul Goodman, sendo este o livro mais básico da abordagem gestáltica. Já no ano de 1952 a GT teve um marco

inaugural após o primeiro instituto ser implantado nos Estados Unidos, levando a abordagem a se expandir em diversos países, inclusive no Brasil. Logo de início a GT ganhou grande visibilidade nos EUA, através de seminários e *workshops* ministrados por seu fundador, que utilizava de técnicas como o *hot seat* (ou “cadeira quente”) e trabalhos com fantasias. Porém, os fundamentos teórico-epistemológicos e a difusão sistemática da teoria só se tornaram possíveis através do surpreendente impulso ocasionado pela criação dos institutos e associações (FRAZÃO, 2013).

O termo *gestalt* tem origem alemã, que tem seu significado relacionado a forma ou configuração, ou ainda, pode ser definido como uma entidade única, com características peculiares, que representa a uma forma ou atributo particular (CARDOSO, 1999). Portanto, podemos definir *gestalt* como uma totalidade. Para se compreender as partes, é preciso, antes, compreender o todo. Refere-se a um processo de dar forma, de configurar o que é colocado diante dos olhos, exposto ao olhar. Já a palavra terapia vem do vocábulo grego *therapeia*, que está relacionado ao ato de curar ou reestabelecer-se.

A Gestalt-terapia foca no que está ocorrendo no momento, no presente, mas sem desprezar o passado. Busca compreender cada processo como único, cada pessoa é uma e a sua história precisa ser valorizada. É um modelo de psicoterapia que tem como foco o tratamento da pessoa como um todo, dando ênfase a percepção sensitiva da experiência presente. Prioriza o acolhimento e cuidado durante o processo de desenvolvimento e crescimento humano, englobando a totalidade e suas possibilidades de ser no mundo. Logo, cada experiência é diferente e as possibilidades de enfrentá-las também são distintas a cada momento.

Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que toda psicoterapia que tem suas premissas na base humanista tem como foco compreender o homem como um ser de potencial para tomar posse de si mesmo, e conseqüentemente, de sua vida. Porquanto, entende o homem como um ser único, que não pode ser compreendido ou explicado integralmente por uma teoria. Ela busca como essência proporcionar de forma facilitadora o crescimento do sujeito. Terapeuta e cliente caminham lado a lado, numa relação de respeito, acolhimento, compreensão e cuidado, na tentativa de construir uma relação genuína, que propicie que a pessoa se aproxime cada vez mais da sua originalidade.

2.1 Gestalt-terapia e Existencialismo

Conforme citado por Cardoso (1999), Erthal (1989) esclarece que a palavra existência deriva do latim (*ex-sistere*), que pode ser definida como mostrar-se, exhibir-se em um movimento externo. Sendo o existencialismo compreendido como uma doutrina filosófica que prioriza e se preocupa com a existência humana em seu sentido individual e particular, que tem por objetivo compreender o homem como um ser concreto no seu contexto e no seu viver.

Em outras palavras, isto significa que a única forma de compreender o homem é a partir dessa existência concreta, incluindo seu modo de ser e de vivenciar o mundo em suas variadas situações. O homem é o melhor intérprete de si, pois, trata-se de um ser que tem consciência da sua finitude e está fadado a construir a sua própria existência enquanto ser presente neste mundo. O existencialismo dá realce à liberdade e à responsabilidade do homem, estando este sempre em contato com o que lhe faz sentido e com aquilo que compõe a sua essência, consumando, desta forma, seu projeto de vida e de ser no mundo. A vida é um projeto inacabado, que depende de cada um e por isso é fundamental assumir a responsabilidade sobre ela.

Portanto, o existencialismo reflete de modo considerável na prática da gestalt-terapia, já que sua proposta é direcionar a pessoa a tomar consciência do seu próprio projeto de vida. Quanto mais consciência a pessoa tem de quem ela é, do que ela quer, em determinado momento da sua vida, mais liberdade terá para responder de forma adequada às demandas e situações que experimenta. Isso implica na percepção de que, independente de como tem sido a vida da pessoa, ela sempre terá possibilidades viáveis de escolher uma nova forma de ser, se assim o desejar. (CARDOSO, 1999).

2.2 Gestalt-terapia e Fenomenologia

Segundo Cardoso (1999), a palavra “fenômeno” provém de um verbo grego, que tem seu significado relacionado ao aparecer e manifestar-se, cuja raiz significa “luz” e assim o termo fenômeno pode ser compreendido como aquele que se revela por sua própria luz.

A fenomenologia, cujo precursor foi Edmundo Husserl, é um movimento filosófico originado no início do século XX, em oposição a correntes de teorias

científicas ascendentes da época. Estas teorias, principalmente as positivistas, traziam uma relação de dicotomia entre o homem e o mundo, sujeito e objeto, já que a realidade era entendida como redutível às percepções físicas, sendo o cientista e o objeto de análise inteiramente distintos entre si (CARDOSO, 1999).

Surgindo então com uma proposta diferente, a fenomenologia propõe que todo ato humano é precedido por uma intencionalidade da consciência, já que não há nenhum ato humano que ocorre no vazio, ao contrário, é sempre sustentado por uma intenção. Reconhece que o homem não existe por si só, isolado do mundo que o cerca, mas sim que esse mundo tem um sentido que deve ser compreendido por sua própria consciência, não havendo uma dicotomia entre homem e mundo.

Nessa perspectiva, uma experiência vivida pelo homem não faz com que sua consciência somente a registre, mas sim que ela dê um sentido de acordo com a sua história de vida, na qual possibilitará um posicionamento em relação a tal experiência. Sendo assim, esse sentido não é dado através de referenciais ou parâmetro externos, sendo proposto pela fenomenologia a eliminação de toda ideia pré-concebida para a construção de sentido da realidade (CARDOSO, 1999).

Portanto, a fenomenologia é considerada a ferramenta de trabalho do psicoterapeuta. Ela que irá possibilitar o contato entre profissional e cliente. Ela facilita esse contato por compreender que o homem é um ser de liberdade, abertura, possibilidade e responsabilidade, em que ele é o único responsável pela a construção da sua existência. Esse modelo de trabalho, entende que a psicoterapia é um lugar que visa a criação de um ambiente relacional entre terapeuta e cliente, é um caminhar de duas pessoas que se encontram de forma acolhedora e respeitosa. Em que esse caminhar busca levar o cliente a um grau de autonomia de modo que ele seja capaz de autogerir-se, sem deixar de lado o seu contato com o mundo que o rodeia.

2.3 Fundamentação Teórica da Gestalt-terapia

Conforme já apresentado, a Gestalt-terapia se constitui nas premissas do humanismo, existencialismo e fenomenologia, enquanto abordagem de intervenção terapêutica. Porém, além dessas correntes filosóficas, Perls também buscou integrar de modo absolutamente coerente os pressupostos de algumas bases teóricas psicológicas, que dão sustentação ao seu entendimento de saúde, doença e existir humano, conforme reportado a seguir.

É muito comum a confusão entre o entendimento da Psicologia da Gestalt e a Gestalt-terapia, no sentido de tratá-las como a mesma abordagem. Porém, trata-se de abordagens diferentes. A primeira é uma teoria de conhecimento da psicologia, já a segunda é uma teoria de conhecimento do fazer clínico, do fazer psicológico que ancora na Psicologia da Gestalt.

Segundo Cardoso (1999), a Psicologia da Gestalt é uma abordagem que se fundamentou através dos estudos estruturados por Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Kofka. Através de estudos da percepção humana, no sentido sensorial. Esses estudiosos identificaram que não se trata de uma recepção passiva e desorganizada resultante do meio, mas sim, de um movimento ativo e estruturado. Tal abordagem teve grande influência nos estudos realizados por Perls. Numa explicação bem suscita, ele reformulou as ideias básicas da percepção sensorial proposta pela a Psicologia da Gestalt para uma explicação sobre a maneira como cada pessoa percebe e dá sentido às suas experiências existenciais.

Sendo uma dessas explicações, a visão holística (unificada) da experiência, confirma que o todo é maior que a soma de suas partes, visto que o todo também é definido pelas interações e interdependências das partes pelas quais é composto. Sendo assim, analisar somente as partes, impossibilita a compreensão do todo. Levando tal reflexão para as vivências humanas, esse pensamento nos possibilita compreender que o homem é um ser total, singular, no qual só pode ser entendido em sua totalidade, que abrange inclusive todos os seus níveis de funcionamento, seja nível racional, emocional e físico (CARDOSO, 1999).

Por conseguinte, o homem enquanto uma totalidade, é um sistema integrado e organizado, uma unidade indivisível entre corpo e mente. Não há separação entre as partes que o compõem, mas sim integração, correlação, organização e interdependência. A existência é como um constante movimento interativo, que sai da linearidade para um movimento recursivo. Nesse sentido, o ser humano está sempre se modificando, é um incessante vir-a-ser. Ou seja, é uma dinâmica inter-relacional, em que o sujeito afeta e é afetado pelo mundo. Nesse movimento contínuo o sujeito vai se constituindo enquanto constitui o seu mundo.

Outros conceitos fundamentais na Gestalt-terapia, seria o de “figura” e “fundo”. Na GT, a figura corresponde ao que, num dado momento, tem maior importância no campo psíquico da pessoa. Na experiência do sujeito, a figura, em seu aspecto

psíquico afetivo ou cognitivo, corresponde àquilo que a pessoa captura diante de um fenômeno ou conjunto de informações como uma unidade diferenciada e com contornos nítidos em relação ao fundo-contexto, sendo esse fundo a parte considerada o segundo plano; em que, não é possível perceber uma “figura” sem um “fundo” (CARDOSO, 1999).

Em resumo, através da infinidade de estímulos aos quais uma pessoa está exposta a todo momento, sempre vai haver uma hierarquia de necessidades, que irá direcionar qual o estímulo será figura predominante naquele atual momento. Na medida em que aquela atual necessidade vai se satisfazendo, a gestalt se fecha e retorna ao fundo, permitindo que a necessidade seguinte se manifeste como figura.

Aguiar (2014), em seu livro “Gestalt-terapia com crianças: Teoria e prática”, exemplifica de forma clara os conceitos de figura e fundo, através de uma situação em que uma criança está chorando. Segundo a autora, o choro se apresenta como sintoma, o que pode ser considerado figura. Já os motivos, podem ser fome, dor, calor, entre outros, que são tidos como fundo, sendo esse fundo que sustenta a figura. Tal princípio de figura e fundo é fluído, ou seja, a figura sempre se refere a uma necessidade não realizada, e quando ela é suprida, a necessidade perde a cena, emergindo então, outra figura que diz sobre uma atual necessidade.

A autora enfatiza que o fato de compreender o homem como uma totalidade na abordagem gestáltica, não quer dizer que será possível identificar todas as suas características o tempo todo e ao mesmo tempo, porém será possível o contato com determinada parte que é apresentada como figura e se encontra em relação com as demais, pois ela é uma forma de expressão da unidade e totalidade humana.

O ser humano possuirá mais habilidades e maiores recursos de inserção no mundo à medida que se desenvolve, porém, independentemente da idade do indivíduo, ainda assim, ele utilizará dos recursos que possui naquele momento para realizar tal inserção e interação com o mundo. Este processo de interação, é compreendido pela GT como forma absolutamente única de cada indivíduo, mesmo considerando que muitas vezes, podem existir regularidades peculiares entre os sujeitos. Porém, o que será enfatizado dentro da abordagem será as especificidades e os sentidos que tais regularidades apresentam na vida de cada pessoa (AGUIAR, 2014).

Outra teoria que fez parte das premissas da GT, foi a Teoria de Campo de Kurt Lewin, que se caracteriza pelo método que descreve qualquer organismo como um campo total, ao invés de estudar suas partes separadamente. Nesse sentido, a Teoria de Campo tem como essência a compreensão do comportamento humano em uma perspectiva de totalidade, sem uma análise das partes separadas. Tal totalidade se constitui pelo indivíduo em si e seu ambiente. Ou seja, o sujeito está sempre em uma dinâmica de forças entre o meio interno e o externo, que se influenciam a todo tempo e juntas unificam o interativo. O campo se estrutura em função do que ocorre nele, e tudo deve ser compreendido nessa interação. É importante compreender também que o campo está presente no aqui-agora, mesmo que seja algo relacionado ao passado ou ao futuro (POPPA, 2013).

A Gestalt-terapia não se refere a um campo físico, espaço ou lugar, mas sim a uma existência interativa, que transcende a qualquer oposição de corpo e alma, interno e externo. Trata-se de um campo interativo em que está em constante movimento em uma inter-relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. É esse movimento que dá sentido ao viver e ao vivido no aqui-agora.

Kurt Goldstein através de seus estudos sobre as consequências de lesões cerebrais no comportamento, observou que além do comprometimento das características relacionadas as partes afetadas, a personalidade total do paciente também sofria algum tipo de alteração. Tal observação, fez com que Goldstein rompesse com a crença que os órgãos têm seu funcionamento isoladamente uns dos outros, e propôs uma nova concepção que seria a do “organismo unificado”. Com isso, os seus estudos passaram a abranger o organismo como um todo, abolindo, a divisão corpo-mente estudada na época (LOFFREDO, 1994; PERLS, 1981 apud CARDOSO, 1999).

Sendo assim, a Teoria Organísmica, compreende o ser humano como um ser que se regula e tende ao equilíbrio, tanto de forma interna quanto externa. Esse processo é denominado de autorregulação organísmica. É através desse postulado que o ser humano irá satisfazer as suas necessidades, sendo este um processo de constante atuação no organismo (CARDOSO, 1999).

Segundo Frazão (2013) o conceito de autorregulação organísmica, articula com a compreensão de ajustamento criativo. Tal princípio, contribuiu de maneira imensurável para a estruturação da Gestalt-terapia, que compreende o homem como

um ser de sistemas complexos e que se atualiza de acordo com a interação que se estabelece entre suas habilidades constitutivas e seu contexto de vida. Ou seja, o homem está sempre em processo inevitável de transformação.

2.4 Metodologia Psicoterapêutica da Gestalt-terapia

Conforme esclarece Cardoso (1999), a metodologia relaciona-se aos instrumentos que o psicoterapeuta se dispõe para compreender o homem, assim como compreender também o seu funcionamento saudável, a fim de intervir e atuar como facilitador e possibilitar mudanças possíveis e necessárias durante o processo terapêutico. A GT se propõe a utilizar quatro principais conceitos, sendo eles: presentificação da experiência, contato, *awareness* e relação terapêutica.

A presentificação da experiência está relacionada a vivência experimentada pelo sujeito no “aqui-e-agora”. Acontecimentos passados ou pensamentos relacionados ao futuro são indagados de como são vivenciados e experimentados no momento presente, dando ênfase não somente ao aspecto racional e objetivo, mas principalmente a experimentação emocional. Este modo de atuação do psicoterapeuta da Gestalt-terapia, se apoia principalmente nas premissas da fenomenologia existencial, que busca priorizar o sentido e a expressão da experiência vivenciada pelo cliente, que muitas vezes nem sempre tem consciência das suas vivências (CARDOSO, 1999).

Segundo Ribeiro (2007), o contato, um dos componentes abstratos e práticos mais importantes da GT, pode ser considerado a forma pela qual a vida acontece e se expressa. É através do contato com o outro que a pessoa se percebe como existente e presente nas relações intra e interpessoais, possibilitando o encontro e sendo essencial na relação psicoterapêutica, em que ambos passam por transformações.

Em resumo, o conceito de contato diz respeito ao fato de que o ser humano é compreendido essencialmente como um ser relacional, singular, corporificado, concreto e criativo, aberto a infinitas possibilidades que está sempre em movimento, em infinita construção a partir das interações que estabelece com o meio.

O contato também engloba a experiência do aqui-agora, que é definido na GT como um campo temporal, que tem como característica o fluxo da experiência vivida no presente. Figuras que se formam no presente de um fundo indiferenciado,

constituídas tanto por memórias difusas do passado como pelas perspectivas relacionadas ao futuro (RIBEIRO, 2007).

Nesse sentido, a experiência tem como essência o contato, que tem íntima relação com o funcionamento da fronteira móvel e porosa entre organismo e ambiente. O contato saudável com o mundo caracteriza-se pela a consciência que o indivíduo mantém durante uma situação presente, sendo este definido pelo termo *awareness*, que é explicado por Ribeiro (2007), como uma forma integrada e totalizada do indivíduo em estar presente e alerta, consciente de si mesmo e de suas possibilidades e limites, ou seja, a autopercepção.

O conceito de *awareness* em Gestalt-terapia está relacionada à forma de experienciar o mundo e os fenômenos internos e externos. É a tomada de consciência no momento presente através da nossa percepção pessoal, corporal e emocional. Para que haja a *awareness* é necessário haver contato. É através do contato que a relação com o mundo pode ser nutritiva. Ele é o responsável pelas mudanças da pessoa e das experiências que ela tem do mundo (RIBEIRO, 2007).

A Gestalt-terapia ao compreender o ser humano como um ser que está em constante interação, preserva com um maior cuidado o diálogo e a relação estabelecida no processo psicoterapêutico. Conforme citado por Cardoso (1999, p.17), Martin Buber (1979) propõe que o diálogo existencial parte de uma relação “Eu-Tu”, sendo característica desse encontro a presença genuína do “Eu” e do “Tu” que nele se revela. A relação “Eu-Tu” consiste em estar plenamente presente quanto for possível com o outro, com poucas finalidades ou objetivos direcionados para si. Nesta relação acontece um encontro existencial, em que se acolhe a alteridade, a singularidade do outro, implicando em reciprocidade e unicidade.

Portanto, na psicoterapia, o terapeuta assume a função de organizar o diálogo e de confirmar a existência do outro, sem ter nenhuma certeza pressuposta, compreendendo-o como um ser único. Neste contato o Gestalt-terapeuta acompanha o modo de existir do cliente a cada momento, auxiliando-o na descoberta do próximo passo para que possa vivenciar a liberdade e a responsabilidade sobre si e seu viver. Tendo como principal objetivo ampliar a consciência da pessoa acerca da sua forma de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Tal ampliação possibilita que o indivíduo tenha maior clareza durante o seu caminho, propiciando maior autonomia e independência, contando com os seus próprios recursos internos.

A Gestalt-terapia também, compreende o homem como um ser singular, criativo e relacional, com possibilidades de aberturas e potencialidades intermináveis; é um ser que está sempre em movimento, buscando realizar o seu potencial. Sendo assim, pode-se afirmar que o homem é um ser transitório em estado provisório, que está em permanente desenvolvimento, na medida em que se constrói, desconstrói e se reconstrói continuamente a todo instante, através das suas relações com o mundo.

Nessa perspectiva esse estudo busca compreender a criança através dos conceitos e pressupostos filosóficos aqui estudados, por meio da compreensão relacional do desenvolvimento humano.

3. COMO A GESTALT-TERAPIA COMPREENDE A CRIANÇA

Com base na concepção fenomenológica existencial que prioriza a indeterminação da existência, bem como o ente humano como possibilidade e reponsabilidade pela sua construção no mundo, teremos que, em primeiro lugar, compreender a infância e a criança como processo contínuo inerente da condição humana.

A noção de infância atual foi constituída de forma histórica e social entre as relações humanas. Durante a Idade Média, por exemplo, a criança era compreendida como adultos em miniaturas, não havia noção de primeiros cuidados e nenhuma particularidade. Somente no século XVIII, que nasce uma nova perspectiva de compreensão da infância, em que Rousseau caracteriza a criança como um ser eminente de inocência e pureza. Sendo a partir dessa época que começa a surgir diversas mudanças que colaboraram para a concepção atual de infância (CIRINO, 2001).

Segundo Aguiar (2014), foi por meio das transformações político-econômicas e emergência do capitalismo, que a sociedade passou a considerar a criança como uma possibilidade de riqueza econômica. Surgindo, dessa forma, uma necessidade e preocupação de investimento na criança por meio da educação formal e informal. A partir daí, começa a separação de ambientes destinados a adultos e a crianças, com o principal intuito de preparar tais crianças para se tornarem futuros trabalhadores.

Ainda de acordo com a autora, os estudos relacionados ao desenvolvimento humano na área da psicologia são divididos em duas concepções, sendo elas:

biológico-evolutiva e pedagógico-normativa. Na primeira concepção, o estágio da infância e adolescência são compreendidas como fases de mudanças instáveis, diferente da fase adulta, que é a fase de estabilidade e maturidade.

Na segunda concepção, os estágios da infância e adolescência são considerados uma preparação para a vida adulta, em que as crianças passam pelo processo de instâncias socializadoras por meio do contexto familiar e escolar para se tornarem adultas. Sendo essas as únicas fases consideradas estágios do desenvolvimento humano. Contudo, tais teorias entram em conflito com o entendimento da GT, pois a abordagem gestáltica compreende que, embora o estágio da infância favoreça aquisições mais aceleradas, o processo de desenvolvimento humano se dá por toda a vida; sendo um processo perpétuo e contínuo de ajustamento criativo, permeado pela capacidade inata de autorregulação orgânica de cada indivíduo (AGUIAR, 2014).

A fenomenologia se propõe a pensar a infância diante da singularidade de cada criança. Pois compreende que a criança, além das suas particularidades, possui um contexto de vida em que está inserida, e tem um modo próprio de se apresentar ao mundo e de relacionar consigo mesmo e com os outros. Tais aspectos não podem e não devem ser negados e negligenciados, pois existe uma distância real da perspectiva do adulto e da criança. Assim sendo, a fenomenologia busca perceber as vivências da criança e o significado das suas experiências na relação mundo-com-o-outro, dando ênfase na sua singularidade e na inter-relação com o adulto (MELO, 2018).

Portanto, a criança é entendida pela Gestalt-terapia, como um ser de “relação” que está em constante “relação” com o mundo que o cerca, em um eterno vir a ser. Deste modo, a aceção do ser criança estará pautada no reconhecimento da sua fluidez, como um ser que é compreendido em suas infinitas possibilidades de ser, e não como “a criança” que já carrega em si a concepção de um ser pré-conhecido.

Segundo Melo (2018), a palavra “criança” deriva do latim *creantia*, constituída pelos verbos *creo* e *creare* que quer dizer “crescer”, “criar”, “desabrochar”, “realizar” e “inventar”. Nessa linha, a autora afirma que a criança é o desabrochar da criação, em que ela descobre, inventa, imagina e dá sentido ao seu mundo por meio dos seus próprios recursos. Porém, não se trata de um movimento somente relacionado à

infância, mas sim, a uma dinâmica pertencente ao próprio existir humano, que ocorre durante toda a sua existência.

Ainda de acordo com a autora, o existir humano é um movimento contínuo carregado de possibilidades. É um caminhar imprevisível sem projeto *a priori*. É um percurso necessário e compartilhado, pois é um caminhar de relação, em que é fundamental os caminhantes se sentirem acolhidos e respeitados, preservando sempre a individualidade. É um caminhar de trocas naturais e contínuas, em que cada um carrega um pouquinho do outro. Durante esse caminhar, o homem passará por várias modificações que construirá a sua própria história (MELO, 2018, p.87-88).

Nessa perspectiva, o bebê necessita, a princípio, de uma constante companhia, mas conforme vai se desenvolvendo, ele vai adquirindo mais autonomia e se torna menos dependente. Porém, a necessidade do outro permanece durante toda a sua existência. Sendo a infância uma parte desse existir que tem suas particularidades como qualquer outra fase da vida (MELO, 2018).

As relações afetivas e a qualidade de presença do cuidador, irão refletir no processo de desenvolvimento da criança. A princípio na consistência dos cuidados oferecidos ao bebê e, em seguida, na ampliação gradativa da distância entre mãe e bebê e nos limites que são impostos a ele, o que proporciona a constituição da sua fronteira de contato e incentiva a sua capacidade de realizar ajustamentos criativos. Quando essas funções são bem sucedidas pelo cuidador, a criança, durante o seu crescimento, é capaz de reconhecer as suas próprias sensações e sentimentos. Ou seja, ela é capaz de se autorregular e formar figuras claras e mobilizar energia para fechar as *gestalten* que surgem, completando o ciclo de contato de maneira saudável (AGUIAR, 2014). Conforme eluciado também por Yontef (1998), que adverte que:

“A criança necessita de um relacionamento parental com um equilíbrio organísmico/ecológico nutritivo. Por exemplo, a mãe deve cuidar para que as necessidades da criança sejam atendidas e para que o desenvolvimento de suas potencialidades seja facilitado. A criança necessita desse modelo carinhoso e nutritivo para se espelhar. Ela também precisa de espaço para lutar, ficar frustrada e falhar. Além disso, precisa de limites para experienciar as consequências de seu comportamento” (p.46).

Portanto, sendo a criança desde do seu nascimento inserida em um núcleo familiar, pode-se afirmar que esse núcleo é de extrema importância para o seu desenvolvimento, pois é nessa relação familiar que a criança irá florescer as suas primeiras habilidades emocionais e a sua primeira forma de contato com o mundo.

Segundo Aguiar (2014), antes mesmo do nascimento de uma criança, ela já afeta o mundo dos seus familiares, pois ela modifica o campo relacional trazendo um certo desequilíbrio ao mesmo. Existem expectativas relacionadas à chegada do bebê que, porventura, podem não ser supridas e a forma como a família irá lidar com isso, poderá afetar significativamente a construção das relações primárias dessa criança.

A princípio, o bebê vivencia uma relação de confluência com os pais e o mundo, pois ele ainda não possui recursos suficientes para diferenciar o seu “eu” dos “eus” dos seus familiares. Porém, à medida que o tempo vai passando, a criança vai construindo uma fronteira de contato por meio das introjeções disponíveis no seu contexto a respeito do mundo, dele mesmo e do outro.

Nesse aspecto, gradualmente a confluência vai concedendo espaço a uma maior autonomia e sendo substituída em seguida pelo apego, que servirá como suporte e confirmação para que a criança, em seu tempo, vá se afirmando no mundo por meio dos seus próprios recursos e descobertas, favorecendo o seu desenvolvimento e as suas potencialidades (AGUIAR, 2014).

Aguiar (2014) descreve a confirmação como um elemento indispensável na relação entre cuidador e criança, para que ela possa se desenvolver de forma saudável e favorecer seus meios de entrar em contato com o mundo e com si mesma. Sendo necessário que essa confirmação seja feita considerando-a como um todo, com suas especificidades, sentimentos e necessidades.

Vale ressaltar que a Gestalt-terapia não desconsidera os estudos relacionados ao desenvolvimento infantil, mas prioriza compreender a criança de forma individualizada, em sua singularidade, dentro do que está sendo possível para ela no seu contexto existencial e nas relações estabelecidas. A GT considera que o desenvolvimento infantil se relaciona a um processo ininterrupto que a criança estabelece com o seu meio, ou seja, seu contato com o campo organismo-meio.

É fundamental que a criança seja permitida a experimentar o mundo de

todas as maneiras possíveis através das suas condições e funções de contato: visão, ofalato, paladar, tato, linguagem e movimento corporal. Funções estas, que precisam se desenvolver para que ela realize trocas saudáveis com o mundo, imaginando e expressando o seu modo de ser e estar no mundo, vivenciando a experiência de si mesmo.

3.1 O Brincar

Segundo Melo (2018, p. 95), por mais que seja muito comum que a palavra “brincar” esteja relacionada à criança e o “falar” ao adulto, tais afirmações não são verdadeiras. Pois, assim como o adulto, a criança também se expressa por meio da fala e o adulto por meio do brincar. Tais conceitos, estão relacionados a modos existenciais de estar no mundo, são componentes integrantes da *Dasein*. Contudo, o brincar é uma forma de expressão mais potente na infância. Pois é por meio do brincar, que a criança irá expressar a sua realidade, revelando as suas possíveis relações e construindo as suas vivências, experiências, conseqüentemente, a sua história.

Ainda de acordo com a autora, Heidegger (2009) se refere ao mundo como um “jogo da vida”, sendo esse jogo relacionado não ao jogo conforme conhecemos, cheio de regras pré-estabelecidas, mas como um movimento próprio do existir que se assemelha ao brincar da criança, que se constrói a partir da dinâmica existencial.

Através do brincar as crianças têm oportunidades incríveis de se conectarem com o universo lúdico. Uma verdadeira porta aberta para a criança fantasiar, imaginar, sonhar e viver a infância em toda sua plenitude. Essas experiências permite que ela desenvolva suas possibilidades existenciais de ser e não ser por meio das oportunidades do momento. Por meio do brincar, ela experiencia a realidade atual de forma mais suave e segura, se empoderando do mundo e de si mesma, pois ao fantasiar o já vivido, ela tem a possibilidade de transformar o real e minimizar o sofrimento, ou até mesmo potencializar as suas satisfações. Tal processo, é denominado como “sabedoria organísmica”, sendo este, um movimento interno cheio de sabedoria (MELO, 2018, p. 97).

Machado (2013, p. 258) relata que

O brincar é o lugar do novo, do inusitado, da criação de tempos e espaços. O brincar é espaço da autenticidade, da palavra falante. Brincar é compartilhar experiências imaginativas. Na primeira infância, o brincar não é representação de papéis: é presença, é presentificação de modos de ser e estar. O brincar e seu gesto espontâneo, criativo, há que ser preservado, tal qual o cerne do self.

Ainda de acordo com a autora, para ser possível que uma criança vivencie a experiência vital de sua realidade representada no corpo, de modo a entrar em contato com seu verdadeiro si-mesmo, atingindo o sentimento autêntico de pertença; é necessário que o adulto deixe de lado qualquer tipo de teoria relacionado ao brincar. Que priorize também o brincar particular daquela criança, permitindo que ela se torne mais autônoma e protagonista da sua própria existência (MACHADO, 2013).

Alcançar a criança nesse mundo lúdico é um dos principais objetivos da psicoterapia, que possibilita o encontro do psicoterapeuta e criança por meio da brincadeira. Portanto, o brincar é de extrema importância no contexto clínico, pois é considerado algo constitutivo do ser humano, que se configura de forma benéfica e saudável, que se caracteriza como uma ocorrência livre e espontânea, facilitadora do desenvolvimento da confiança e da intimidade na relação adulto-criança.

4. O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO COM A CRIANÇA

Segundo Melo (2018, p. 99), a palavra “psicoterapia” origina-se do grego *therapeia*, que está relacionado ao ato de tratar doenças, e *psyche* em suas premissas, se refere à alma como “sopro de vida”.

O processo de psicoterapia sob a ótica da fenomenologia-existencial, compreende a pessoa dentro de suas particularidades, sem propor que comportamentos considerados “perturbados” irão desaparecer, ou ainda, afirmar que tais comportamentos estão relacionados à doença. Pois, entende que se trata do modo de ser do sujeito naquele momento atual de sua vida. Essa abordagem tem muito mais interesse em compreender “como” a pessoa vivencia, significa e experiencia os fatos da sua existência.

Portanto, a psicoterapia por esse viés, é considerada um processo relacional que se configura em um “encontro” autêntico de intimidade e confiança entre cliente e psicoterapeuta. Em que o objetivo do psicoterapeuta é se estabelecer como autossuporte, acolher e apoiar o cliente na sua forma de estar no mundo, para que ele, nas suas possibilidades, se reconheça como pessoa e se reaproxime de si mesmo e do seu existir (MELO, 2018, p. 100).

A psicoterapia fenomenológica-existencial é uma vertente de psicoterapia que compreende a existência humana de maneira singular, sempre em processo e em transformação. Entende que cada pessoa experimenta a vida de maneira particular, partindo dos afetos, livre para fazer escolhas e responsável pelas escolhas que fizer. Esta abordagem tem como foco a pessoa atendida e suas experiências, tal como ocorrem para ela, ou seja, suas vivências e percepções pessoais e o modo como elas constroem sua experiência de mundo e de si mesma.

Diante disso, conforme afirma Aguiar (2014), a Gestalt-terapia, através das suas premissas fenomenológicas, tem como principal objetivo priorizar um caminhar juntamente com a criança, a fim de ajudá-la a realizar um contato pleno com o mundo, através dos seus sentidos, funções de contato e de reconhecimento do seu corpo. Sendo possível a ampliação da sua autoconsciência e autossuporte, possibilitando a sua identificação, aceitação e expressão dos seus sentimentos, que muitas vezes são anulados ou incompreendidos.

O psicoterapeuta, durante esse caminhar, tem por intuito auxiliar a criança na ressignificação de suas vivências, pensamentos e sentimentos, possibilitando também que ela encontre outras formas criativas de ser-e-estar-no-mundo. Dessa forma, a criança passa a reconhecer e verbalizar as suas necessidades, assim como, identificar formas de satisfazê-las, podendo realizar suas escolhas e assumir maior responsabilidade sobre elas, além de aceitar quem ela é em sua singularidade.

A partir disso, os principais recursos utilizados durante o processo de psicoterapia infantil, será o brincar, visto que o brincar é a forma de expressão mais comum na infância. Por meio do brincar, a criança irá ampliar a sua percepção, elaborar sentimentos e experimentar novas possibilidades de ser e estar no mundo, pois ela possui uma forma de expressão natural, sendo essa linguagem totalmente lúdica. Será por meio desse brincar que o Gestalt-terapeuta irá facilitar esse encontro

entre adulto e criança. Em que o brincar possibilitará a criança formular e assimilar suas experiências, experimentado e aprendendo sobre seu mundo interno.

A Gestalt-terapia através do método fenomenológico, irá priorizar a linguagem descritiva no atendimento infantil, diferente da linguagem interpretativa, que discorre por meio de métodos teóricos para concluir o que a criança está apresentando através dos recursos lúdicos utilizados. A Gestalt-terapia também se opõe à linguagem prescritiva, pois nessa linguagem o profissional determina quais serão os recursos lúdicos utilizados na psicoterapia, a fim de trabalhar com a criança aquilo que é trazido como problema. Já a linguagem descritiva, irá possibilitar que a própria criança, construa seus próprios significados através dos materiais utilizados por ela durante o processo de psicoterapia, sem interferências e interpretações “*a priori*”, fundamentadas em pressupostos ou preceitos por parte do profissional (AGUIAR, 2014, p.157).

Segundo Melo (2018, p.101), o psicoterapeuta que recebe a criança em seu consultório, um dia já foi criança, e cabe a ele se colocar no lugar dela, a fim de compreendê-la na sua existência temporal, espacial, corpórea e afetiva. O que irá proporcionar que ela tenha maior consciência de si mesma no mundo, nessa relação de aceitação e confirmação.

Outro aspecto imprescindível de compreensão é o contexto familiar em que a criança está inserida, assim como outros indivíduos significativos para ela e outros espaços, como professores e escolas, já que estes podem expor informações importantes pertinentes ao seu funcionamento. Vale ressaltar que na GT o contexto familiar é compreendido em suas mais variadas distinções. Não necessariamente se estrutura sempre pela presença da figura paterna e materna, visto que considera as funções exercidas por cada membro independente da organização que a família se dispõe (AGUIAR, 2014).

A Gestalt-terapia compreende que o contexto familiar é uma totalidade inserida em outras totalidades, constituída por diversos elementos que estão em constante interação, buscando a autorregulação e afetando mutuamente uns aos outros nessa busca, já que são comportamentos que são influenciados uns pelos outros a todo momento. Portanto, conforme ocorre com a criança, a família também está a todo momento em constante desenvolvimento, se reconfigurando sempre que o equilíbrio é modificado. Por compreender o núcleo familiar como uma totalidade autorregulada,

ao trabalhar com uma criança, se faz necessário compreender também o seu contexto familiar, já que ao realizar uma intervenção em qualquer um dos elementos dessa totalidade, haverá uma reconfiguração da dinâmica dessa família (AGUIAR, 2014, p.71).

Em outras palavras, durante o processo da terapia é necessário que o psicoterapeuta estabeleça cuidados relacionados à interação com os espaços sociais da criança, principalmente as interações promovidas no âmbito familiar. Nesse aspecto, toda criança terá o seu desenvolvimento também relacionado aos impactos que ocorrem no ambiente familiar. Portanto, se faz necessário a inclusão da família no processo de psicoterapia, pois os aspectos relacionados à criança e a seus familiares estão diretamente ligados e são mutuamente influentes.

Conforme Melo (2018), raramente a criança irá procurar psicoterapia por conta própria. Geralmente são levadas pelos cuidadores e não fazem ideia do porquê está ali e muito menos o que irá fazer. As queixas apresentadas pelos adultos não fazem sentido para elas, e nem tem importância. Sendo esse um dos primeiros desafios da criança, pois ela não compreende o porquê se está ali, mas sabe que algo não está legal. Podendo essa experiência despertar nela um sentimento de inadequação e de não aceitação. Porém, ela não sabe o que fazer, e nem se comportar de forma diferente, pois esse é o seu jeito de ser e estar no mundo naquele momento, o que acaba por ocasionar sofrimento para ela e para os cuidadores.

O adulto que busca por psicoterapia para a criança, também possui suas razões e expectativas. Provavelmente a decisão de levá-la partiu de comportamentos que são considerados inadequados pela família, escola e sociedade, em que os pais também sofrem, pois se sentem fracassados, culpados e impotentes diante da situação daqueles que amam muito.

Logo, se faz necessário também o acolhimento da família, pois eles também estão adoecidos diante da tarefa árdua de educar. Mas nem sempre percebem e acabam transferindo responsabilidades, medos e angústias para os filhos e para o psicoterapeuta. Exigem um tipo de garantia de conserto relacionado a criança, como se ela fosse um objeto a ser reparado. Portanto, o contexto familiar se encontra desestabilizado e fragilizado, e precisa ser acolhido pelo profissional nesse sofrimento que estão vivenciando (MELO, 2018, p.103).

Sendo assim, se faz necessário que o psicoterapeuta tenha cuidado com as intervenções realizadas, para que tais intervenções não ameacem a subsistência da família, por ir além do que eles são capazes de sustentar no momento. O psicoterapeuta deve adotar uma postura de suporte para que a família consiga lidar com as mudanças, e se autorregular. O contato é de extrema importância nessa construção de vínculo e confiança com os pais, para que eles compreendam a atuação e envolvimento do profissional durante o processo psicoterapêutico realizado com a criança (AGUIAR, 2014).

É muito comum escutar que a Gestalt-terapia não realiza diagnóstico. Tal afirmação não é verdadeira. Ela não realiza o diagnóstico convencional, que visa pesquisar a doença, classificando e nomeando o sintoma. A abordagem gestáltica, atua de forma totalmente investigadora, priorizando entender o modo de ser da pessoa no atual momento, na tentativa de compreender as razões particulares das suas ações. Essa postura investigadora é permanente, pois ocorre durante todo o processo de psicoterapia.

Por conseguinte, Melo (2018, p.100) elucida que

(...) o psicoterapeuta tem como foco a singularidade da criança que se apresenta com o sintoma. É uma busca constante do modo existencial da criança, objetivando a compreensão das suas relações significativas nas articulações com o mundo. Trata-se de um diagnóstico processual, que vai se constituindo ao longo do processo terapêutico.

Dessa forma, pode-se dizer que o processo de diagnóstico, não deve ocorrer somente no início, mas durante todo o processo psicoterápico, visto que, o homem está em constante mudança, e o diagnóstico também deve ser contínuo, dinâmico e reconfigurado a cada momento. Assim, torna-se necessário a compreensão de cada sintoma apresentado e cada queixa dentro do contexto em que surgiram. Na totalidade da vida da criança, o foco é entrar em seu mundo para que ela se sinta segura e possa se expressar livremente.

Para Frazão (2013, p.94), o diagnóstico na perspectiva da Gestalt-terapia é considerado a forma de existir de uma pessoa, o que pode ou não incluir uma doença ou anormalidade, mas estes não são os elementos suficientes para uma compreensão total do indivíduo. O diagnóstico envolve a compreensão dos processos de

ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais do indivíduo e deve ocorrer durante todo o processo psicoterápico, levando em consideração as mudanças do cliente ao longo do tempo e na sua relação consigo e com o outro, buscando compreender como ele está a cada momento, e não como ele é.

O primeiro contato é realizado com o adulto que buscou pela ajuda do psicoterapeuta, sendo necessário o seu acolhimento para identificar as razões que o levaram até o profissional e orienta-lo naquilo que ele busca. Nesse primeiro contato é de extrema importância que o psicoterapeuta tenha um olhar clínico para além daquilo que é apresentado como sintoma, pois o sintoma é apenas a maneira como a criança se apresenta no momento atual. Por meio da entrevista inicial, é possível compreender o contexto que essa criança está inserida, as suas necessidades e como é percebida pelos pais. (MELO, 2018, p.104).

Melo (2018) enfatiza, que a queixa não é a história da criança, por isso se faz necessário a compreensão de forma minuciosa de quando começou tais comportamentos, como toda a família, escola e pessoas próximas tem lidado com o problema. Sendo essa a forma de investigar e compreender o contexto existencial, conhecendo o seu mundo e entendendo a dinâmica do núcleo familiar que a criança está inserida.

Após esse primeiro contato com os pais, o psicoterapeuta se encontra com a criança, e para que esse encontro ocorra de forma genuína, se faz necessário que o profissional se abstenha da concepção e das necessidades dos pais. É preciso dar ênfase para o maior objetivo da psicoterapia, que é facilitar que a criança se aproxime de si mesma, mesmo estando sob os cuidados dos seus genitores (MELO, 2018).

Durante esse processo ela pode apresentar uma certa ansiedade, pois se trata de algo novo, desconhecido, sendo necessário que o psicoterapeuta compreenda o tempo da criança para ela se acostumar com o novo. Ela precisa compreender o que fará e qual o objetivo dos pais e do psicoterapeuta naquele espaço. Tal compreensão pode surgir na primeira sessão, mas pode também levar algum tempo, à medida que ocorre o estabelecimento do vínculo terapêutico.

As principais ferramentas do psicoterapeuta para essa aproximação serão o respeito, a aceitação e o acolhimento da criança, na tentativa de que ela examine e perceba suas atitudes. Somente compreendendo suas ações e os seus sentimentos

é que ela poderá reexaminar o seu modo de estar-no-mundo e criar um novo jeito próprio de ser (MELO, 2018, p.107).

Assim sendo, a postura fenomenológica do psicoterapeuta possibilitará um espaço de abertura e de busca, em que ele acompanha cuidadosamente a criança na liberdade de brincar, experimentando formas diferentes de vivenciar a sua dor, raiva e tristeza. A criança será confirmada e aceita, para que ela própria descubra o significado das suas vivências, por meio da presença acolhedora e respeitosa.

Segundo Melo (2018, p.109), é de extrema importância que os limites sejam estabelecidos durante a psicoterapia à medida que vão surgindo conflitos na relação criança e terapeuta. Tais limites devem ser colocados através de um diálogo, em que ambos possam expressar seus incômodos e argumentos. A autora ressalta também, a importância dos combinados referente a frequência e rotina durante o processo terapêutico, pois o horário deve ser cumprido por todos os envolvidos.

Outro aspecto importante é o ambiente terapêutico, que:

(...) deve ser confortável o suficiente para a criança se movimentar. Deve ser limpo, iluminado, com móveis adequados ao estilo infantil para que não ocorra nenhum tipo de acidente. Além do mais, todos os materiais lúdicos devem ficar em locais acessíveis para que ela consiga utilizá-los com facilidade. Os brinquedos devem ser de boa qualidade e totalmente atóxico. Por meio dos materiais utilizados durante o *Setting* Terapêutico, a criança será estimulada a criar, representar, compartilhar e fantasiar. (MELO, 2018, p. 110).

O ambiente lúdico deve conter três tipos de brinquedos, sendo eles: os estruturados (jogos), os semiestruturados (casa, bonecos, carros) e o não-estruturados (sucata). O primeiro se refere a jogos, que geralmente possui regras pré-estabelecidas. O segundo estaria relacionado aos brinquedos que remetem ao dia-a-dia da criança. Por fim, o último que possibilita ela a criar. Os materiais facilitam o encontro, porém o mais importante é a construção da relação entre psicoterapeuta e criança, que irá possibilitar a formação do vínculo, confiança e intimidade (MELO, 2018, p.111).

Portanto, o acolhimento e aceitação da criança exatamente como ela é na sua singularidade, o respeito pelo seu tempo e processo é o que irá estabelecer um contato de confiança entre ela e o psicoterapeuta, sendo esses os princípios básicos fenomenológicos-existenciais para a construção dessa relação. Sendo assim, é de

suma importância que o profissional desenvolva uma interação que permita a criança se expressar enquanto sujeito, respeitando e sendo cuidadoso para não invadir o mundo dela, mas sim, acompanhá-la nesse processo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender os principais conceitos e eixos condutores da Gestalt-terapia, com o propósito de desvendar seus percursos e refletir sobre as contribuições dessa perspectiva no contexto da psicoterapia infantil.

A Gestalt-terapia proporciona uma visão mais ampla do que é ser humano e, mais especificamente, do que é ser criança. Pois compreende que ela é um ser ativo no mundo, que está a todo momento realizando trocas com o meio, modificando-o e doando sentido a tudo ao seu redor.

A Gestalt-terapia compreende que tanto o adulto quanto a criança são seres em constante desenvolvimento, que estão sempre buscando satisfazer as necessidades emergentes, tendendo à autorregulação orgânica e ao ajustamento criativo, que se caracteriza como a melhor forma que a pessoa encontra para alcançar seu próprio equilíbrio mediante os recursos que possui no momento.

Tal compreensão valoriza ainda mais a criança enquanto sujeito total e real, com potencialidades intrínsecas capazes de incluí-la como autora das aquisições e perdas realizadas. Embora a Gestalt-terapia reconheça que ainda existe uma fronteira de contato frágil, não a inutiliza por essa caracterização e nem determina qual o caminho a ser percorrido pela criança, ao contrário, pois confia que ela desde pequena traz consigo uma sabedoria orgânica que a orienta em direção a uma autorrealização.

A psicoterapia infantil, por meio da abordagem gestáltica, tem como objetivo restaurar o contato nutritivo consigo e com o meio, mediante o despertar da consciência de seus sentidos, de seu corpo, de aspectos de sua identidade, de forma que possa efetuar uma ação-interação coerente com suas necessidades afetivas, cognitivas e sociais. Dessa forma, o trabalho com crianças deve ser conduzido para a vivência de experiências, de modo que ela possa experimentar seu mundo subjetivo e dar significado a partir daquilo que vê, sente, pensa e faz. A mudança ocorre através da experiência vivida no encontro terapêutico, que promove a tomada de consciência de suas ações, emoções e processos de ajustamentos criativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. 2^o ed. São Paulo: Summus, 2014.

CARDOSO, C. L. (1999). **Aspectos filosóficos, teóricos e metodológicos da Gestalt-terapia**. Revista Psique, 9(14), 47-65.

FRAZÃO, L. M. (2013). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**, p. 11-23. São Paulo: Summus.

LIMA, P. V. A. (2013). A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**, p. 145-156. São Paulo: Summus.

MACHADO, M. M. **Fenomenologia e Infância: o direito da criança a ser o que ela é**. Revista de Educação Pública, [S. l.], v. 22, n. 49/1, p. 249-264, 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/913>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MELLO, T. F. C.C. (2018). Fenomenologia e Psicologia clínica. **Um olhar fenomenológico sobre o processo psicoterapêutico da criança**, p. 73-113. Belo Horizonte: Artesã.

PERLS, F. S. (1977). **Gestalt-terapia explicada**, 11^a ed. (trad. G. Schlesinger). São Paulo: Summus.

POPPA, Carla Cristina. **O processo de crescimento em Gestalt - terapia: um diálogo com a teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. 2013. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

RIBEIRO, J. P. (2007b). **Eu-tu-nós: A dimensão espiritual da alteridade nos ciclos de contato**. Revista da Abordagem Gestáltica, 13(1), 135-146.

YONTEF, G. M. (1998). **Processo, Diálogo e Awareness: ensaios em gestalt-terapia** (3^a ed., E. Stern, Trad.). São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1993).